

CASTELOS DAS ORDENS MILITARES

Castelos das Ordens Militares
Atas do Encontro Internacional

Edição

Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)

Coordenação Científica

Isabel Cristina Ferreira Fernandes
(GEsOS – Município de Palmela)

Lisboa, março de 2014

O Castelo de Mértola: as transformações da Ordem de Santiago (séculos XIV–XV)

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ

Universidade de Coimbra – CEACUP/Campo Arqueológico de Mértola – FCT – Ciência 2008

MARIA DE FÁTIMA PALMA

Campo Arqueológico de Mértola/ Bolseira FCT

1. Introdução

A singular importância estratégica que Mértola sempre deteve terá levado, desde a Pré-História, à construção de fortificações no esporão rochoso sobre o qual se ergue a vila, bem defendido pelos cursos de água do rio Guadiana e da ribeira de Oeiras (**Figs. 1 e 2**). A sua localização no ponto extremo da navegação fluvial, fez do seu domínio uma questão fundamental no controlo das vias de comunicação do sudoeste da Península Ibérica, pelo seu interesse comercial e também como porto de conexão entre as rotas terrestres do Alentejo e as rotas da navegação mediterrânea, e ainda pela sua importância estratégica na movimentação de tropas e controlo do território.

Este facto, no contexto da consolidação do poder da Ordem de Santiago em Portugal, e mais concretamente no Sudoeste onde possuía grandes encomendas, unido aos conflitos relativos à soberania sobre o Reino do Algarve, deve ter estado na raiz da instalação da Sede da Ordem no Castelo de Mértola, e este novo estatuto terá sido o motor das grandes transformações a que o Castelo foi sujeito entre a segunda metade do século XIII e o século XV. Essas importantes transformações desenvolveram-se sobre a estrutura fortificada deixada pelo poder almóada que também tinha efetuado importantes obras ao longo da segunda metade do século XII.

É difícil datar, com a simples observação dos paramentos do Castelo, as muitas transformações que se apreciam no monumento. As obras de construção e reconstrução das estruturas defensivas da vila e do seu alcácer possuem uma certa homogeneidade nos materiais utilizados nas suas muralhas, e continuidades nas técnicas construtivas. As sucessivas modificações operadas no Castelo de Mértola foram sendo executadas com uma alvenaria de pedra irregular que não permite datar fielmente os panos de muralha. Os sucessivos arranjos utilizaram, quase invariavelmente, o xisto, a pedra local, e os mesmos tipos de ligantes de argamassa de cal, ora fosse nos testemunhos mais antigos, ora nas intervenções operadas desde o século XVI para a implantação de artilharia, ora nos restauros dos anos quarenta e oitenta do século passado, realizados pelos Monumentos Nacionais, e até nos mais recentes, já no século XXI, dificultando a perceção e leitura dos mesmos. No entanto, algumas intervenções arqueológicas recentes trouxeram novos dados para a compreensão da longa evolução do castelo.

2. A herança islâmica

Desconhece-se a que época exata remonta a existência do Castelo de Mértola, embora alguns indícios apontem para uma estrutura fortificada pelo menos desde a Idade do Ferro. Podemos afirmar que o essencial da configuração amuralhada do Castelo, à exceção da imponente Torre de Menagem e do baluarte da porta falsa, são fruto dos programas de fortificação de época islâmica.

A primeira referência, nas fontes escritas, sobre obras de construção no Castelo, remete para o século IX, em que 'Abd al-Mālik Abī l-Ġawwād apoiante de 'Abd al-Rahmān Ibn Marwān al-Ġillīqī, o Galego, se apoderou de Beja e Mértola, e reforçou as defesas do seu castelo². Desta época deve datar a planta trapezoidal do Castelo, adaptada à topografia do terreno, com torres de planta quadrada nos seus ângulos e na face norte, como foi confirmado arqueologicamente, e uma entrada direta flanqueada por duas torres³ (Fig. 3).

Os textos de época islâmica também referem uma outra campanha construtiva, ordenada por Abū Ya'qūb Yūsuf em 1171 d.C., que terá reparado a fortificação e reconstruído a porta⁴. Nesta época, terá sido adossada a estrutura em cotovelo que ainda hoje domina o acesso principal ao Castelo.

O aspeto que hoje a porta apresenta é o resultado de diversas intervenções realizadas ao longo de muitos séculos e sobretudo na última centúria, sendo difícil determinar a que época corresponde cada alteração. Alguns autores consideram do século VIII esta estrutura em cotovelo múltiplo⁵. Para esta datação contribui o aspeto semicircular de um dos torreões

que, actualmente, flanqueiam a entrada e que se datam nos séculos IX ou X em Talavera de la Reina⁶, e mais cedo em Calatrava la Vieja e Toledo⁷.

No entanto, nas obras de beneficiação do Castelo do ano 2006, foi aberto um Poço Técnico na esquina noroeste da muralha da porta (**Fig. 4**), que atravessou o enchimento interno da estrutura formado por terra e pedras soltas e onde foram identificados fragmentos cerâmicos com cronologias dos séculos XI e XII, compatíveis com a reconstrução da porta por volta de 1170 aquando das obras promovidas por Abū Ya'qūb Yūsuf, referidas anteriormente.

No interior da fortificação, existiram, pelo menos desde época califal e até a conquista cristã, estruturas de habitação bem organizadas desde o ponto de vista urbanístico e de saneamento básico, como testemunham os vestígios de vivendas, canalizações e fossas sépticas encontradas nas diversas intervenções arqueológicas desenvolvidas no interior do Castelo⁸.

3. As transformações da Ordem de Santiago

A documentação da Ordem de Santiago facilita um caudal imenso de informação sobre o Castelo de Mértola, especialmente a partir de 1535, do qual não nos ocuparemos em profundidade. No entanto, as transformações mais importantes realizadas no castelo almóada pelos novos ocupantes santiaguistas, após a conquista da vila em 1238, não são recolhidas pelas fontes escritas. Sabemos que houve obras de melhoramento do castelo em 1373, 1404, 1441/1442 mas não podemos precisar quais foram⁹. Apenas a lápide fundacional da Torre de Menagem, datada de 1292, testemunha essas transformações que são fisicamente visíveis mas difíceis de datar de forma precisa.

Na porta de acesso ao castelo, realizou-se um conjunto de modificações importantes. À luz da planta do castelo desenhada por Duarte de Armas¹⁰ (**Fig. 5**), pelo menos desde os inícios do século XVI, a torre localizada a norte é aproximadamente semicircular enquanto a torre sul é quadrangular (**Fig. 6**). No entanto, os alicerces desta última estão reforçados por uma estrutura de planta semicircular adossada, da qual apenas são parcialmente visíveis duas fiadas. Isto, permite-nos colocar a hipótese de a porta ter sido concebida em época almóada com duas torres de flanco retangulares, que teriam sido reforçadas depois da conquista cristã, com torreões semicirculares, talvez na mesma altura em que foi construída a torre de Menagem ou já no século XIV.

No que diz respeito ao vão de acesso, quase todos os autores consideram que se trata do original islâmico muito reconstruído em épocas posteriores. Existem duas propostas de reconstituição, uma por Santiago Macias¹¹ que a interpreta com um arco em ferradura e uma mais recente de Márquez & Guarriarán¹² que consideram tratar-se de uma porta encimada por

um arco abatido, à semelhança de uma das portas da fortaleza de Niebla (Espanha). Se bem que esta segunda proposta pareça mais convincente pela disposição atual dos silhares conservados, não podemos excluir que estes tenham sido reutilizados numa reconstrução promovida já pela Ordem de Santiago. Se confiamos na fidelidade do desenho de Duarte de Armas (**Fig. 7**), o vão de acesso era fabricado com aduelas bem talhadas, longe do tosco arco apontado construído em irregulares tijolos da atualidade. Também desapareceu a janela quadrada que se abre sobre a porta na ilustração quinhentista. Numa fotografia do arquivo do IHRU de 1952¹⁵, é visível a elevada degradação que a parte superior das estruturas da porta tinha nessa altura e que atingia a referida janela, mas conservando o arco em tijolo completo.

A um nível mais elevado encontrar-se-ia a Capela de Santiago, a qual terá sido construída no século XIV sobre a porta, adaptando-se à exígua planta retangular e acessível desde o adarve. Sabemos pelas visitas da Ordem que tinha uma capela-mor, coberta com uma abóbada de berço e protegida por um telhado de duas águas, um altar em pedra e uma pintura em fresco com a representação da Piedade¹⁶, dos quais nada resta.

A Torre de Menagem, ligeiramente destacada do perímetro do castelo, de planta quadrangular, com aproximadamente 11 m de lado e mais de 26 m de altura, ergue-se como um corpo maciço sobre o qual se elevam dois pisos (**Fig. 8**). O acesso era realizado pelo adarve, através de uma porta de arco apontado (**Fig. 9**). A escadaria de acesso atual deve ter sido construída depois de 1960, como testemunha uma fotografia desta data do arquivo do IHRU¹⁵. A porta permite aceder ao primeiro piso, coberto por uma abóbada gótica de cruzaria de ogivas de oito panos. Uma escada feita na espessura da parede permitia aceder ao piso superior coberto, como testemunha a documentação da Ordem de Santiago¹⁶, e com quatro aberturas para o exterior em forma de estreitas frestas.

Nas proximidades da Torre de Menagem, no pano oeste, abre-se para a ladeira mais íngreme a porta falsa, que foi protegida com um baluarte, aproximadamente pentagonal, presente na planta desenhada por Duarte de Armas, e que deve datar de finais do século XV¹⁷.

A Torre da *Carocha* situada na esquina sudoeste da fortificação, acompanha o caminho de ronda projetando o seu corpo quadrangular para o interior do castelo. Situada num dos lados mais abruptos do promontório, teve de ser reforçada por um contraforte escalonado em finais do século XV¹⁸. Tem no seu interior uma sala, coberta com uma abóbada semiesférica que terá servido de prisão¹⁹. Uma escadaria adossa-se ao seu muro setentrional permitindo o acesso à parte superior.

Uma outra torre quadrangular, destacada do perímetro da fortificação, reforça a esquina sudeste. Sobressaía marcadamente em finais do século XV, a julgar pelo desenho de Duarte de Armas e pela documentação que a descreve coberta por um telhado de quatro águas²⁰.

A cisterna é outro dos elementos que tem sofrido fortes transformações em época moderna. Embora tenha sido argumentado que a construção atual dataria de inícios do XIV²¹, o desenho de Duarte de Armas mostra uma cisterna de planta quadrada, de 4 varas de largo e um único bocal, bem diferente da planta retangular atual. A transformação da cisterna terá ocorrido entre 1510 e 1535²². As escavações e acompanhamentos arqueológicos realizados à volta dela revelam um conjunto de canalizações em cerâmica e manchas de superfície argamassada, as quais interpretamos como uma pavimentação destinada a conduzir de forma eficiente as águas da chuva para o interior do reservatório, e que seriam contemporâneas das transformações do século XVI.

No interior da Praça de Armas, as escavações permitiram verificar que as estruturas de habitação islâmicas tinham sido destruídas e as canalizações de época almóada tinham sido abandonadas. Sobre elas foram construídas edificações adaptadas às necessidades da Ordem.

Se seguimos a informação oferecida pelos documentos, a nascente, encostadas à muralha, foram erguidas as cavalariças e os dormitórios da guarnição, formadas por duas casas contíguas de dimensões razoáveis. A cozinha parece ter estado no lado sul do terreiro a julgar pela documentação²³.

As Visitações, especialmente a de 1515, descrevem a Alcaidaria, adossada a uma das faces da Torre de Menagem, erguida na década de oitenta do século XV, em tempos de D. João II²⁴. Estas estruturas já estariam muito danificadas, em 1593²⁵.

Nada foi assinalado no desenho de Duarte de Armas no espaço a norte da Praça de Armas, junto da Torre de Menagem e do pano norte da muralha do castelo. Nesta zona, foi realizada uma intervenção arqueológica em 2006 que revelou estruturas datadas, sem dúvida, entre a construção da Torre de Menagem e o momento de realização do desenho quinhentista, e que não são referidas pelos documentos conservados da Ordem de Santiago.

4. Estratigrafia da Baixa Idade Média

As escavações realizadas no interior do monumento, com motivo das recentes obras de arranjo paisagístico, deram lugar a algumas descobertas relativas às transformações na ocupação do terreiro do castelo, com o surgimento de estruturas da Baixa Idade Média (**Fig.10**).

Sob os entulhos que se acumularam no sector norte da Praça de Armas, durante as obras de recuperação do castelo da segunda metade do século XX, encontrou-se um muro incompleto (U.E.035), perpendicular à torre de menagem e paralelo à muralha, e um pavimento de argamassa muito espessa (U.E.033) que ocupa todo o compartimento delimitado por esse muro.

Infelizmente, o extremo oposto à Torre de Menagem estava muito destruído, não restando qualquer sinal do muro que fecharia, a nascente, esta dependência (**Fig. 11**).

O acesso a este compartimento abria-se a 6,5 m da Torre de Menagem, seguramente no centro do muro. Este vão encontrava-se preenchido por um derrube de pedras (U.E.036) no qual foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica comum vermelha e recipientes vidrados em melado acastanhado da Baixa Idade Média (**Fig. 13.a**). Frente ao vão e sobre o pavimento de argamassa encontramos duas camadas de terra escura com muitos carvões (U.E.037 e 038), que poderão ter sido constituintes de lareiras, nas quais foram encontrados fragmentos de cerâmica comum vermelha, em alguns casos com engobe alaranjado e um deles de cozedura redutora, cerâmica vidrada castanha de tradição islâmica, e castanha esverdeada e verde característica da Baixa Idade Média (**Figs. 12 e 13.b-c**). Próximo da Torre de Menagem, também no interior deste compartimento, apareceu um estrato de terra e muitos carvões (U.E.032) que também deve ter correspondido a uma lareira.

No canto noroeste, junto à Torre de Menagem e sob o pavimento argamassado, realizou-se uma sondagem que detetou uma camada de terra solta e pedras (U.E.039), que interpretamos como uma camada de enchimento destinada a regularizar o terreno onde foi construído o compartimento. Nela foram encontrados uma moeda bastante deteriorada, possivelmente de D. Sancho II (**Fig. 14**), fragmentos de cerâmica comum de pasta vermelha, cerâmica comum de cozedura redutora, uma pedra de jogo de cerâmica comum vermelha com engobe branco, e alguns fragmentos de cerâmica vidrada (**Figs. 12 e 13.d-f**). Uma dessas cerâmicas é decorada com traços de manganês sobre fundo melado, de época islâmica, que poderá ser apenas um elemento revolido de períodos anteriores ao contexto da camada onde foi achado.

O conjunto de elementos de datação apenas nos permitem situar a construção e a destruição deste compartimento entre a data de construção da Torre de Menagem, em 1292, e o desenho de Duarte de Armas de 1510 ou mesmo por ocasião da primeira Visitação conservada da Ordem de Santiago, de 1485, onde nada se diz sobre ele.

A interpretação deste compartimento é difícil, dado que desconhecemos a sua forma completa: o alçado do muro que a delimita está reduzido a duas fiadas, e os vestígios encontrados no seu interior são diminutos. Se considerarmos os achados encontrados, a presença de lareiras com alguns fragmentos cerâmicos, apesar da sua fraca qualidade do ponto de vista estrutural, poderá indicar que nos encontramos ante um espaço de atividades domésticas, talvez relacionadas com a confecção de alimentos e outros serviços de apoio aos freires.

Na troca de impressões durante o congresso, o Prof. Doutor Luís Filipe Oliveira assinalou que a proximidade deste compartimento à Capela de Santiago tornaria a sua localização adequada para o dormitório dos freires, que teriam, assim, facilitada a obrigação das orações a horas

intempestivas. Se bem que a proximidade física seja notável, a comunicação entre este compartimento e a capela vê-se dificultada pela diferença de altura entre uma e outra. Desconhecemos de que modo preciso se realizava o acesso à Capela de Santiago nessa época. Na planta desenhada por Duarte de Armas, parece que se realizava através do adarve, mas não há indicações claras do modo de acesso ao sector norte do adarve a partir da Praça de Armas. Eventualmente, podem ter existido estruturas de madeira que permitissem um acesso direto, tanto ao caminho de ronda como à Capela, ou a estrutura desaparecida e encontrada nas escavações ter incorporado por sua vez elementos de comunicação com o adarve.

O conjunto do espólio é diminuto e pouco relevante, na sua maior parte composto por cerâmica comum de pasta vermelha, pouco depurada, com elementos não plásticos de grande calibre. No entanto, destacamos a presença de alguns vidrados melados acastanhados e verdes com características técnicas próprias dos séculos XIV-XV e algumas taças hemisféricas e uma pedra de jogo (**Figs. 12 e 13**). Não se apreciam diferenças significativas entre o material encontrado sobre o pavimento e debaixo do pavimento.

É normal esta pobreza do espólio encontrado durante as escavações dada a diminuta estratigrafia datada do período baixo-medieval do Castelo. No entanto, nas variadíssimas escavações realizadas em Mértola (Mesquita, Alcáçova, Arrabalde, etc.) não se encontraram, mesmo que descontextualizadas, cerâmicas importadas do período posterior à conquista cristã (se exceptuamos alguns azulejos sevilhanos do XVI da Mesquita), contrariamente ao que acontece com todos os períodos anteriores. Isto pode ser um indício de que a Ordem de Santiago não se interessou pelas potencialidades de Mértola como porto de entrada e distribuição de produtos de luxo, como aconteceu sempre em épocas anteriores.



Fig. 1

Mértola – cursos de água do Rio Guadiana e da Ribeira de Oeiras (CAM).

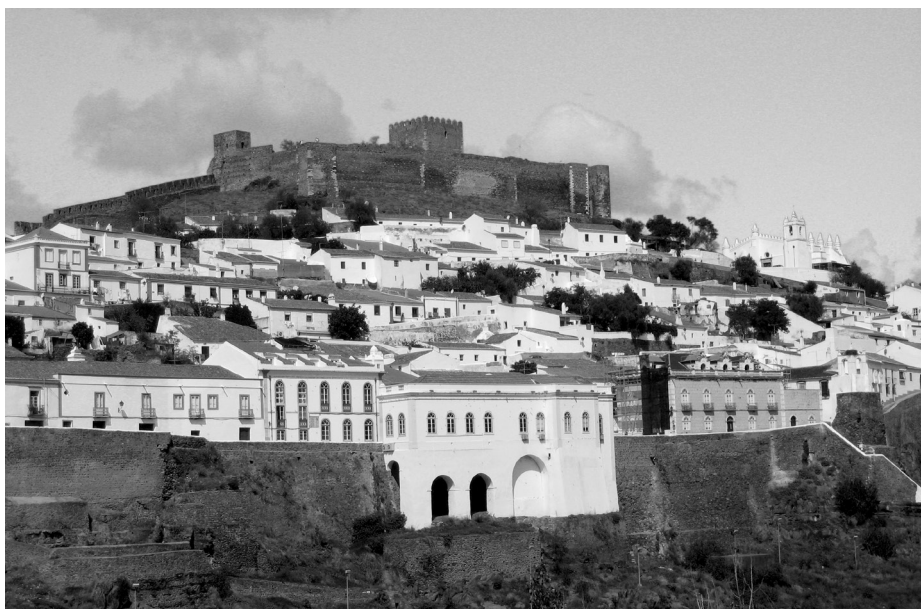


Fig. 2

O Castelo de Mértola (CAM).



Fig. 6

Pelo menos desde os inícios do século XVI, a torre localizada a norte é aproximadamente semicircular enquanto a torre sul é quadrangular (CAM).

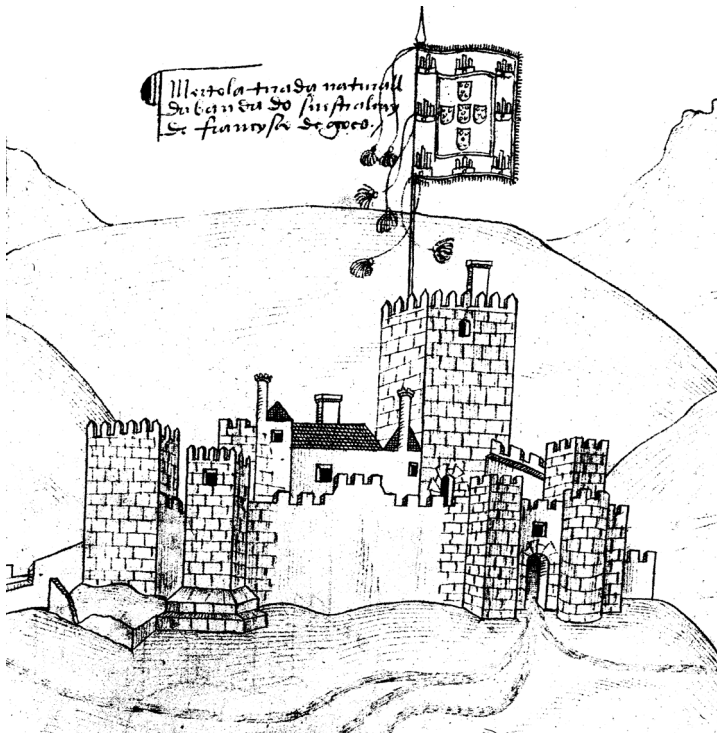


Fig. 7

Desenho de Duarte de Armas.



Fig. 8

A Torre de Menagem, de planta quadrangular, com aproximadamente 11 m de lado e mais de 26 metros de altura (CAM).



Fig. 9

Porta de arco apontado da Torre de Menagem (CAM).

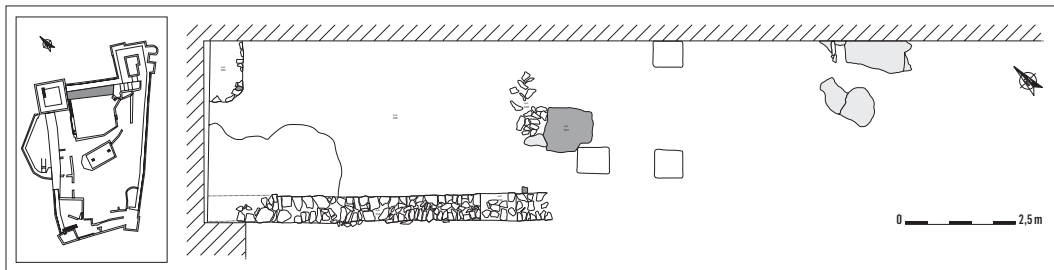


Fig. 10

Estruturas da Baixa Idade Média (CAM e Nélia Romba).



Fig. 11

Área escavada junto à muralha Norte (CAM).

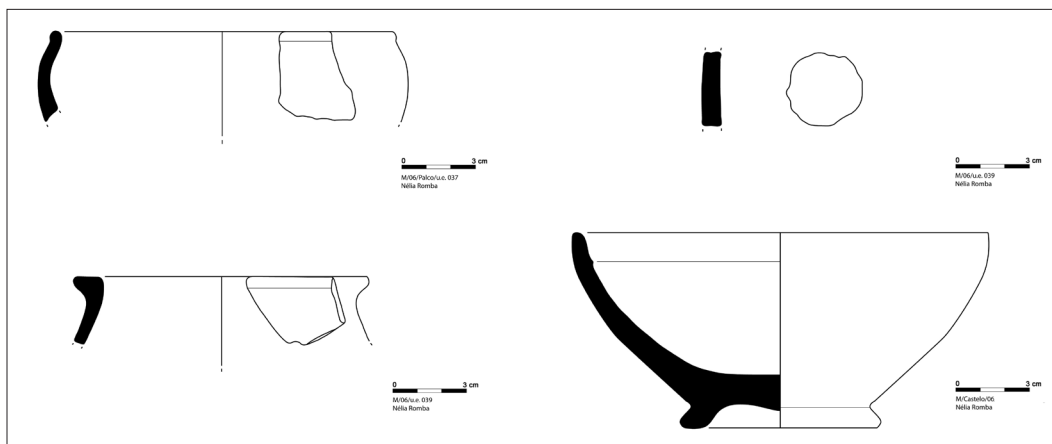


Fig. 12

Fragmentos de cerâmica comum vermelha, em alguns casos com engobe alaranjado e um deles com cozedura redutora (CAM e Nélia Romba).

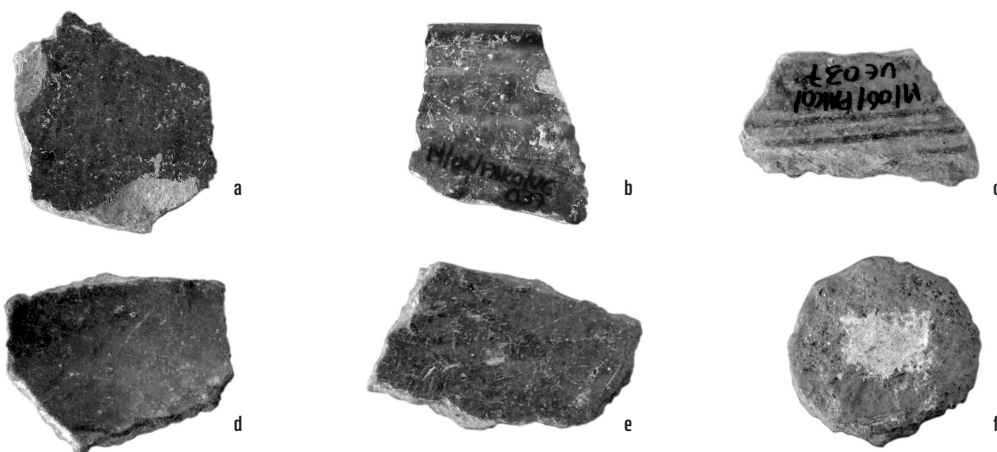


Fig. 13

Fragmentos de cerâmica comum vermelha e recipientes vidrados em melado acastanhado da Baixa Idade Média. Cerâmica vidrada castanha de tradição islâmica, e castanha esverdeada e verde característica da Baixa Idade Média (CAM).

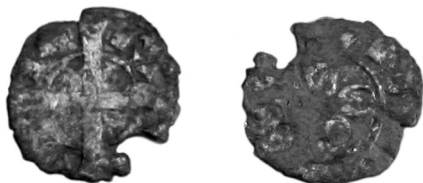


Fig. 14

Moeda de D. Sancho II (CAM).

Bibliografia

- ALMEIDA, João de, ed. (1943)** – *Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*, Lisboa: Editorial Império.
- BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de (2002)** – O Castelo de Mértola: estrutura e organização espacial (sécs. XIII a XVI). In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, ed. – *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos. Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500–1500)*. Palmela 2000. Lisboa: Colibri; Palmela: Câmara Municipal, pp. 579–586.
- BARROS, Fátima; BOIÇA, Joaquim; GABRIEL, Celeste (1996)** – *As Comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As visitasões e os Tombos da Ordem de Santiago*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- CANDÓN MORALES, Alicia; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; MACIAS, Santiago; RAFAEL, Lúcia (2001)** – Mértola en torno al año mil. In *Actas del V Congreso de Arqueología Medieval*, Valladolid, Marzo de 1999. Valladolid: Junta de Castilla y León, vol. 2, pp. 559–567.
- COELHO, António Borges (1989)** – *Portugal na Espanha árabe*. 2 vols. Lisboa: Caminho.
- MACIAS, Santiago (2006)** – *Mértola – o último porto do Mediterrâneo*. 3 vols. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MÁRQUEZ BUENO, Samuel; GURRIARÁN DAZA, Pedro (2011)** – Las puertas monumentales en las fortificaciones del occidente andalusí. In *La marca inferior de al-Andalus*. Mérida: CUPARQ; Mérida Consorcio Ciudad Monumental, pp. 183–252.
- MARTÍNEZ LILLO, Sergio (1990)** – Arquitectura militar de ámbito rural de la Marca Media (al-Tagr al-awsat): antecedente y evolución. *Boletín de Arqueología Medieval*. Madrid. 4, pp. 135–171.
- PALMA, Maria de Fátima; GÓMEZ, Susana (no prelo)** – O Castelo de Mértola em Época Islâmica. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, ed. – *Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb (sécs. VI a XVI)*. Lisboa: Colibri; Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- PICARD, Christophe (2000)** – *Le Portugal musulman (VIII^e–XIII^e siècle)*. Paris: Maisonneuve et Larose.
- PORTUGAL. IHRU – SIPA** [Em linha]. Sacavém: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2001–2013. Atualização 2007. < http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1045 > [Consult. 23 de abril de 2013].
- TORRES, Cláudio; BOIÇA, Joaquim Manuel; LOPES, Virgílio; PALMA, Manuel Passinhas da (1991)** – *Museu de Mértola. I Núcleo do Castelo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan (1992)** – La fortificación de al-Andalus. In *Al-Andalus: las artes islámicas en España*. Catálogo de la exposición. Madrid: El Viso, pp. 63–73.
- ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan (1998)** – La fortificación islámica en la Península Ibérica: principios de sistematización. In *El castillo medieval español: la fortificación española y sus relaciones con la europea*. Madrid: Fundación Ramón Areces, pp. 23–44.

Notas

- 1 Boiça & Barros, 2002.
- 2 Coelho, 1989, vol. II, p. 159; Picard, 2000, p. 206; Torres & *alii*, 1991, p. 14.
- 3 Palma & Gómez, no prelo.
- 4 Torres & *alii*, 1991, p. 16.
- 5 Zozaya, 1998, p. 41.
- 6 Martínez Lillo, 1990.
- 7 Zozaya, 1992, pp. 67–69.
- 8 Candón Morales & *alii*, 2001; Palma & Gómez, no prelo.
- 9 Boiça & Barros, 2002.
- 10 Almeida, 1943.
- 11 Macias, 2006, II, p. 111.
- 12 2011, pp. 198–199 e 242–243 ver também lám. 18.
- 13 PORTUGAL. IHRU, 2001–2013.
- 14 Barros, Boiça & Gabriel, 1996, p. 82.
- 15 PORTUGAL. IHRU, 2001–2013.
- 16 Barros, Boiça & Gabriel, 1996, p. 83.
- 17 Boiça & Barros, 2002.
- 18 Boiça & Barros, 2002, p. 380.
- 19 Boiça e Barros, 2002, p. 383.
- 20 Boiça & Barros, 2002.
- 21 Torres & *alii*, 1991.
- 22 Boiça & Barros, 2002, p. 583.
- 23 Boiça & Barros, 2002, p. 383.
- 24 Boiça & Barros, 2002, p. 583.
- 25 Barros, Boiça & Gabriel, 1996, pp. 83 e 447.